



## Entrevista com Paul Singer

Realizada em maio de 2003, por correio eletrônico

Roteiro: Eduardo Santos, Jefferson Mariano e Paula Passanezi

Rev. GERENCIAIS – Professor, mesmo como figura conhecida do público especializado em economia e gestão, por seus livros, artigos e militância política, é certo que todos gostariam de conhecer sua trajetória profissional, acadêmica e política. Além disso, apontar as relações entre vida e obra sempre pode trazer vitalidade e exemplaridade aos temas tratados. O Senhor poderia nos brindar com um breve sumário autobiográfico?

Paul Singer – Nasci em 1932, em Viena (Áustria), numa família judia. Em 1938, os nazistas anexaram a Áustria à Alemanha e fomos obrigados a procurar refúgio no Brasil, aonde chegamos em 1940. Aqui estudei e me formei como eletrotécnico, em 1952, tendo começado a trabalhar na Elevadores Atlas. Tornei-me sócio do Sindicato dos Metalúrgicos e fui um dos líderes da greve de metalúrgicos, tecelões, marceneiros e vidreiros que, por quase um mês, paralisou S.Paulo, em 1953. Continuei militando neste Sindicato até 1956, quando comecei a estudar economia na USP. Formei-me em 1959 e, no ano seguinte, tornei-me professor assistente da Faculdade de Economia. Comecei então minha vida de economista engajado, escrevendo, dando palestras e fazendo pesquisa. Fui perseguido durante o regime militar e acabei aposentado pelo AI-5. Em 1969, ajudei a fundar o CEBRAP, um centro de estudos interdisciplinar em que se fazia oposição intelectual à ditadura. Lá comecei a publicar meus livros, além de artigos em revistas e em coletâneas. Fiz investigações em economia, demografia, sociologia e história. Em 1980, com a anistia, pude voltar à USP e ajudei a fundar o PT, partido no qual milito até hoje. Desde 1996, meu foco prioritário de militância intelectual e política é a economia solidária, sobre a qual publiquei três livros: *A utopia militante: repensando o socialismo* (1998); *Economia Solidária no Brasil* (2000), em colaboração com André Ricardo de Souza, e *Introdução à Economia Solidária* (2002)

Rev. GERENCIAIS – Explorando um pouco suas convicções socialistas e tendo em vista que atualmente se vive uma certa hegemonia do discurso único do mercado, como o Sr. se posicionaria politicamente hoje? Haveria ainda sentido na dicotomia esquerda / direita e no apego a políticas econômicas ‘de esquerda’?

Paul Singer – Em cada época, a dicotomia esquerda/direita adquire novo sentido. Hoje, a luta se trava essencialmente ao redor da intervenção do Estado na economia. O discurso liberal hegemônico deseja limitar esta intervenção à administração do sistema de moeda e crédito, ainda assim sob o comando de um Banco Central ‘independente’ ou ‘autônomo’, e apenas para prevenir inflação; tudo o mais deve ser deixado ao mercado. O discurso socialista defende o Estado de Bem-Estar, que oferece educação, assistência à saúde e previdência social a toda a população, o que exige um sistema tributário progressivo; o governo deve estar comprometido com política de desenvolvimento, garantindo pleno emprego, no sentido de que todos que precisam trabalhar para viver tenham ampla possibilidade de encontrar trabalho remunerado.

Rev. GERENCIAIS – Para sustentar o nível de consumo dos países de economia desenvolvida e as necessidades de crescimento dos emergentes, o uso de recursos não renováveis precisará ser intensificado, o que deverá provocar uma situação de deterioração do meio ambiente planetário jamais vista. O fato de os países centrais não respeitarem os compromissos, por exemplo, da Rio-92 e do Protocolo de Kyoto, só deverá ampliar o problema. O Senhor pensa que o desenvolvimento tecnológico poderá nos salvar desse trágico fim anunciado (a engenharia genética em alimentos, por exemplo), mantendo a difusão dos atuais padrões de consumo, ou efetivamente deveremos reordenar nossa lógica econômica de exploração dos recursos naturais?

Paul Singer – A necessidade de defender a natureza e preservar a base material da civilização tornou-se finalmente consciente para a grande massa de cidadãos. É uma mudança revolucionária. Enquadrar não somente os governos mas as grandes empresas nessa luta não é fácil e está se tornando outro foco de luta entre esquerda e direita (como o governo Bush ilustra claramente). Os avanços tecnológicos são essenciais para conciliar alto padrão de vida com a sustentabilidade da sociedade. Mas talvez não bastem, o que nos obrigará a sacrificar alguns consumos.

Rev. GERENCIAIS – A globalização significa um novo paradigma de desenvolvimento ou é apenas o desenrolar de tendências inerentes às necessidades de expansão do capitalismo que não se encontram atendidas pelos mercados nacionais? Ainda nessa direção, a Economia solidária poderia vir a constituir um novo paradigma, ou apenas representaria um tipo de iniciativa voltada à ‘economia dos pobres’?

Paul Singer – A globalização é uma tendência multissecular que se originou nas grandes descobertas marítimas dos séculos XV e XVI, mas que, em cada etapa histórica, adquire novo sentido. Hoje ela é dominada pela liberalização das trocas comerciais e financeiras e dos investimentos produtivos internacionais, o que mina a função do Estado nacional de comandar o processo econômico dentro de suas fronteiras. O objetivo da esquerda é limitar a liberalização e revertê-la, no plano financeiro, para restaurar a independência dos estados nacionais. A economia solidária está se constituindo em rede mundial e seus membros se engajam nesta luta.

Rev. GERENCIAIS – A economia solidária pressupõe a existência de um homem novo, a exemplo do que pensavam – e sonhavam – os teóricos do comunismo? Seria ela uma proposta alternativa atual para a resolução dos problemas econômicos?

Paul Singer – Não posso falar pela economia solidária sobre essa questão, pois ela não tem posição a seu respeito. Para mim, o homem novo está sendo criado pelos empreendimentos e entidades solidárias, que forjam novas relações sociais e limitam fortemente a rivalidade e a competição entre os indivíduos; no entanto, não transforma essas pessoas em anjos, sem necessidade de reconhecimento, apoio e respeito dos outros e sem exigência de tratamento justo. Por causa disso, as organizações sociais que compõem a economia solidária são palcos de conflitos internos, que não podem ser completamente prevenidos nem sempre conciliados. No

fundo, temos um perfil desejado do homem novo, mas não sabemos como ele será no futuro. Cabe à economia solidária aplicar à realidade os seus princípios e apoiar a renovação de mentalidades que, conseqüentemente, ocorre.

Rev. GERENCIAIS – Aplicada à realidade brasileira, quais as bases sociais de sustentação de uma economia solidária? Ela incorporaria os empreendedores vinculados à economia informal e ao sistema de cooperativas?

Paul Singer – No Brasil, assim como em outros países, a economia solidária incorpora empreendimentos econômicos que praticam a autogestão, ou seja, aplicam a democracia em sua gestão. Ela engloba muitas cooperativas (não todas), associações produtivas, clubes de troca, cooperativas de crédito, bancos do povo e outras instituições. Mas, na economia solidária, não cabem empreendimentos só porque são informais, aliás, a maior parte da economia informal não é autogestionária.

Rev. GERENCIAIS – Segundo o geneticista francês, Albert Jaquard: “O escopo de uma sociedade é a competição, é uma sociedade que me propõe o suicídio. Se me ponho em competição com o outro, não posso intercambiar com ele, devo eliminá-lo, ou destruí-lo”. Neste cenário, como se daria a transição para uma Economia Solidária do ponto de vista político, legal ou estrutural? Tem sentido falar-se em mudança de um regime de competição para um regime de ‘coopetição’?

Paul Singer – A transição da sociedade capitalista à economia solidária já começou e avança diariamente, quando desempregados ou excluídos socialmente se organizam para produzir ou poupar coletivamente, de acordo com os princípios da autogestão. Não sei se algum dia toda a economia será organizada de acordo com estes princípios, o que não poderá ser imposto à força pelo Estado. O capitalismo só desaparecerá de fato quando todos, de livre vontade, preferirem viver segundo regras distintas. E mesmo que isso aconteça algum dia, em algum país, nada garantirá que o capitalismo não volte sempre que houver interessados nisso.

Rev. GERENCIAIS – Acompanhando seus últimos trabalhos, especialmente *Uma utopia militante: repensando o socialismo* (Vozes, 1998), fica clara a opção ‘cooperativas’ como alternativa de desenvolvimento sustentado e possível embrião da idéia de economia solidária. Até que ponto essa opção se distancia das formas clássicas de superação do capitalismo como, por exemplo, a eliminação da propriedade privada e o planejamento centralizado?

**Paul Singer** – A economia solidária não elimina a propriedade privada porque: 1. não se opõe à propriedade privada do pequeno produtor individual ou familiar (que hoje, no Brasil, talvez seja o modo de produção que ocupa mais gente); 2. a economia solidária socializa a propriedade privada entre seus trabalhadores ou usuários, mas a mantém ‘privada’ em relação ao Estado; 3. por isso mesmo, ela não tem nada a ver com planejamento centralizado. A economia solidária apóia ampla intervenção do Estado na macroeconomia para sustentar o crescimento da produção e do consumo, a pesquisa científica e sua aplicação prática etc.

**Rev. GERENCIAIS** – As cooperativas, inseridas na realidade de um mercado tipicamente capitalista, vivem um dilema de grande magnitude, qual seja: para dentro, elas devem ser econômica e politicamente solidárias, cooperativas e baseadas em uma competição ‘saudável’ (sic!); para fora, devem ter competitividade e atuar de acordo com as mais duras regras de mercado. Não lhe parece uma contradição insolúvel, a ‘ferir de morte’ um empreendimento cooperativado?

**Paul Singer** – As cooperativas estão submetidas às regras do mercado como qualquer outro empreendimento que dele participa. Essas regras são hoje muito duras por causa do desemprego em massa e da exclusão social cada vez maior, que depreciam o valor da força de trabalho e ensejam a superexploração dos trabalhadores pelo capital. Para civilizar as regras do mercado, a economia solidária se alia aos trabalhadores assalariados na luta por direitos sociais e pelo pleno emprego. Assim se resolve a contradição entre a solidariedade para dentro e a competição para fora, pois o que deve prevalecer para fora é a solidariedade com todos os trabalhadores.

**Rev. GERENCIAIS** – O Senhor formulou e auxiliou a implantação de incubadoras de cooperativas na Universidade de São Paulo. Quais os resultados visíveis dessas ações na perspectiva da economia solidária?

**Paul Singer** – As Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares estão em atividade em mais de 30 universidades brasileiras, e 14 delas integram a Rede

Universitária de Incubadoras. Elas colocam a serviço da luta contra a exclusão e a pobreza os recursos humanos e científicos de nossas universidades, com resultados apreciáveis, embora limitados pela escassez de recursos.

**Rev. GERENCIAIS** – No que se refere aos mercados locais, aqueles de abrangência comunitária, o Senhor chegou a defender a moeda social. O que seria e como funcionaria essa moeda? Não seria uma forma de driblar a legislação e criar uma espécie de ‘mercado negro’ de moedas?

**Paul Singer** – A moeda social é forjada nos clubes de troca, que reúnem pessoas que querem e precisam produzir bens e serviços, mas carecem de clientes a quem vendê-los. No clube, essas pessoas se encontram e trocam suas produções, usando a moeda do clube como padrão de valor (para fixar preços) e como meio de pagamento. Os clubes de troca são administrados em geral por autogestão e constituem um meio importante para viabilizar microempresas, cooperativas, associações produtivas etc., reduzindo a falta de trabalho e renda, possibilitando produção e consumo em ambientes nos quais a hegemonia do capitalismo os impossibilita.

**Rev. GERENCIAIS** – Pensadas as experiências de crédito popular, como as do Banco do Povo, da SERT-SP (segundo dados da própria Secretaria, havia, em 1998, quatro municípios com unidades implantadas, e em agosto de 2001, 21), e a do *Grameen Bank*, de Bangladesh, poderíamos dizer que esse tipo de ação corresponde a um embrião de economia solidária?

**Paul Singer** – Os bancos do povo são efetivamente parte da economia solidária, integrando o campo mais vasto das finanças solidárias. O seu princípio básico é o aval solidário que permite aos miseráveis ter acesso a crédito que lhes possibilita, ao longo dos anos, aumentar seu trabalho e renda e superar a miséria em que estão mergulhados. Cada empréstimo individual é assumido por um grupo de 4 ou 5 associados, que respondem coletivamente pela amortização e pagamento dos juros. Constitui um dos exemplos de como a solidariedade é arma na luta pelo resgate da dignidade humana.

